

## **GUERRA OU ACORDO?**

*Luiz Carlos Bresser-Pereira*

*Folha de S.Paulo, 3.8.2009*

### **Muçulmanos descobriram que a religião pode ser um grande instrumento para o surgimento de uma nação**

Em 2003 , quando os EUA decidiram fazer guerra ao Afeganistão e ao Iraque, houve um protesto contra a segunda guerra, mas o apoio das Nações Unidas para a primeira, porque o governo do Taleban abrigava abertamente os terroristas da Al Qaeda. Em um primeiro momento, com a derrubada dos nacionalistas do Taleban, pareceu que os EUA haviam ganho a guerra, mas aos poucos o grupo islâmico se reorganizou no próprio Afeganistão e no vizinho Paquistão, e agora, apesar do aumento das tropas americanas naquele país, não há vitória à vista. Pelo contrário, para muitos analistas a guerra se estenderá indefinidamente, já que se trata de uma guerra de independência nacional.

O fato novo é a pressão do Paquistão, que sempre se associou aos Estados Unidos, para que o governo americano faça um acordo com o Taleban. De acordo com o serviço de inteligência ou espionagem dos militares paquistaneses, a guerra, que hoje se trava em parte no próprio território do Paquistão, está ameaçando desestabilizar o país. Diz um relatório do serviço de inteligência paquistanês: "O levante no Paquistão reforça ainda mais a percepção de que há a ocupação estrangeira do Afeganistão. Isso resultará em maior número de mortes de civis implicará alienação ainda maior da população local. Portanto, maior resistência às tropas externas".

Que tipo de acordo com o Taleban poderia fazer sentido para os Estados Unidos? O critério fundamental deste país nas suas relações externas é o da segurança nacional, que inclui os interesses econômicos. Se os Estados Unidos continuarem a entender sua segurança nacional

como incompatível com a existência de governos islâmicos nos países muçulmanos -ou seja, de governos nacionalistas que usam o islã como instrumento de união e mobilização política-, não há acordo possível.

Mas também não há solução possível porque os povos muçulmanos descobriram algo que os países hoje ricos experimentaram desde o século 16: que a religião pode ser um grande instrumento para que um povo se transforme em nação, construa um Estado e realize sua revolução nacional e capitalista.

Se, entretanto, o critério for o de neutralizar grupos terroristas como a Al Qaeda, existe possibilidade de acordo. Em 2003 o Taleban não estava suficientemente motivado para expulsar esse grupo terrorista radical de seu território. O tempo, entretanto, passou. Os EUA e os demais grandes países mostraram que não estão dispostos a aceitar governos que apoiem grupos terroristas. Não há razão, portanto, para que os líderes do Taleban não façam um acordo de renúncia do apoio ao terrorismo e de saída do Paquistão, em troca de retirada das tropas estrangeiras do seu território.

Por enquanto não creio na possibilidade de um acordo desse tipo, não obstante a pressão do Paquistão. Os Estados Unidos têm uma visão geopolítica da segurança nacional atrasada, muito semelhante à visão dominante no final do século 19.

Não perceberam que as lutas de liberação nacional só podem ter um fim estável: a independência da nação. As nações que buscam sua autonomia podem aceitar por algum tempo que elites dependentes e corruptas associadas a interesses internacionais controlem seu Estado, mas mais cedo ou mais tarde surgirão grupos nacionalistas ou patrióticos que, para alcançarem a verdadeira independência nacional, empunharão armas e realizarão sua revolução nacional e capitalista.

Uma revolução que é fundamental para esse povo e não ameaça a segurança dos países ricos.